

Tampão, aqui, não

JORNAL DO BRASIL

A eleição em Brasília, para governador do Distrito Federal, está intimamente associada à de Presidente da República: o que der para um, dará para outro. Percorre as bancadas do Distrito Federal na Constituinte mobilização comum a todos os partidos para que a primeira eleição direta de governador se dê ainda este ano, coincidente com a de Presidente. Dessa aspiração só estaria momentaneamente dissidente o empresário Osório Adriano, presidente local do PFL. Mas se o mandato presidencial for estipulado em cinco anos, há uma tendência dos principais líderes políticos em manter a regra geral de que tudo o que se aprovar para Sarney, aprovar-se-á para Brasília. Assim, não haveria mandato-tampão de dois anos, ou pouco menos, o que resultaria em fato castrador e uma plena protagonização municipal como se deseja.

O mandato-tampão é ainda condenável pelo aspecto de que o futuro governador eleito teria de conviver com dois presidentes, terminando o mandato de um, e iniciando o próximo. Além dos prejuízos da perda de tempo para ajustamento, Brasília teria mais a perder do que qualquer outra unidade federativa pelo simples fato de que depende, como Distrito Federal, do estado de espírito dos ministros da área econômica para a liberação de verbas, e nesse plano o bom humor do ministro Mailson da Nobrega para com o governo da cidade que o hospedou não tem sido singularmente favorável nos últimos meses.

O que as lideranças políticas locais têm colocado com certa frequência, à margem da luta de afirmação dos diversos partidos, é que a cidade precisa de um governador identificado com suas raízes. Foi nesse diapasão que se seguiu a conversa entre um grupo de políticos com o deputado Alvaro Valle, presidente nacional do PL, e que tende a lançar como candidato a governador o Sr. Elmo Serejo Farias, seu ex-governador, e atualmente presidindo a Companhia Lloyd Brasileira. Os políticos querem gente aqui mesmo gerindo o destino da cidade, com se envengonhar de aqui passar os fins de semana, com filhos em colégios (bons e caros) locais, torcendo por clube de futebol daqui mesmo, freqüentando entidades de bairros ou categoria profissional, e rodas paroquiais. Que sua única credencial não seja a de amigo do Presidente e freqüentador das missas do Alvorada. Uma pessoa nossa — é o que querem os políticos de seu futuro governador, depois de ver passar pelo Buriti uma galeria de alienígenas cuja gênese foi o Rio Grande do Sul, passou pela Bahia e culminou em Minas. Brasília quer que o governador seja seu, mesmo nascido em outro estado: no entanto, que aqui tenha domicílio, amizades, agência bancária, distrital, um lotezinho à busca de valorização, um carro ou dois na garagem. E um sonho burguês a que a cidade tem direito, depois de acolher as aves de arribação que emigraram de outras plagas e que não assentaram ninho sequer no alto de um buriti. São aves honradas e dignas, mas não são nossas.

JOÃO EMÍLIO FALCÃO